

CIÊNCIA E CONHECIMENTO POPULAR NA GEOGRAFIA AMAZÔNICA DE  
AZIZ AB'SABER (GEOMORFOLOGIA)

SCIENCE AND POPULAR KNOWLEDGE IN THE AMAZON GEOGRAPHY OF  
AZIZ AB'SABER (GEOMORPHOLOGY)

CIENCIA Y CONOCIMIENTO POPULAR EN LA GEOGRAFÍA AMAZÓNICA DE  
AZIZ AB'SABER (GEOMORFOLOGÍA)

Estêvão José da Silva Barbosa<sup>1</sup>

31

**Resumo**

*O texto aborda a relação entre ciência e conhecimento popular na obra do geógrafo brasileiro Aziz Nacib Ab'Sáber sobre a Amazônia, especificamente as suas contribuições para a geomorfologia regional entre as décadas de 1950 e 2000. A partir de levantamento bibliográfico e revisão de literatura, foram identificados nos textos do autor os vocábulos empregados para a identificação das feições do relevo amazônico, mas sem deixar de considerar as relações que ele faz, em diversos momentos, com os demais elementos da natureza e com a ação humana, dentro de uma perspectiva integrada da paisagem. Apesar de empregar o vocabulário técnico da Geografia Física, e da Geomorfologia em particular, Ab'Sáber se destacou ao incorporar o conhecimento popular, a geograficidade dos habitantes regionais em suas análises, valorizando as percepções e os vocabulário dos amazônidas sobre as paisagens geomorfológicas, aqui tratadas, genericamente, como “planícies” e “terras firmes”. Em várias situações as terminologias vernáculas empregadas são tomadas de empréstimo de outras regiões como o Nordeste e do Sudeste do Brasil, sobretudo para as áreas mais remotas da Amazônia, distantes do litoral e dos grandes rios, as quais estavam em processo de expansão da ocupação a partir das décadas de 1950 e 1960.*

**Palavras-chave:** Geografia Física; geograficidade; paisagem.

**Resumen**

*El texto aborda la relación entre ciencia y conocimiento popular en la obra del geógrafo brasileño Aziz Nacib Ab'Sáber sobre la Amazonia, específicamente sus aportes a la geomorfología regional entre décadas de 1950 y 2000. A partir de un levantamiento bibliográfico y la revisión de la literatura, fueron identificado las terminologías populares para identificar los rasgos del relieve amazónico en los textos del autor, pero sin olvidar considerar las relaciones que éste establece, en diferentes momentos, con otros elementos de la naturaleza y con la acción humana, dentro de una perspectiva integrada del paisaje. A pesar de emplear el vocabulario técnico de la Geografía Física, y en particular de la Geomorfología, Ab'Sáber se destacó por incorporar en sus análisis el conocimiento popular, la geograficidad de los habitantes de la región, valorando las percepciones y el vocabulario de los amazónicos sobre los paisajes geomorfológicos, aquí tratados, genéricamente, como “llanuras” y “tierras firmes”. En varias situaciones, las terminologías populares utilizadas son tomadas de otras regiones como el Nordeste y Sudeste de Brasil, especialmente para los espacios más lejanos de la Amazonía, alejados de la costa y de los grandes ríos, que estaban en proceso de expansión de la ocupación desde las décadas de 1950 y 1960.*

---

<sup>1</sup> Docente e pesquisador Faculdade de Tecnologia em Geoprocessamento – UFPA Campus Ananindeua. Doutor em Geografia Física pela USP. E-mail: [estevaojsb@ufpa.br](mailto:estevaojsb@ufpa.br)

**Palabras clave:** Geografía Física; geograficidad; paisaje.

### Summary

*The text analyzes the relationship between science and popular knowledge in the work of the Brazilian geographer Aziz Nacib Ab'Sáber on the Amazon, specifically his contributions to regional geomorphology between the decades of 1950 and 2000. Based on a bibliographic survey and the review of the literature, popular terminologies were identified to identify the features of the Amazonian relief in the author's texts, but without forgetting to consider the relationships that he establishes, at different times, with other elements of nature and with human action, within a perspective integrated into the landscape. Despite using the technical vocabulary of Physical Geography, and in particular Geomorphology, Ab'Sáber stood out for incorporating popular knowledge and the geographicity of the region's inhabitants into his analysis, valuing the perceptions and vocabulary of the Amazonian on the geomorphological landscapes, here treated, generically, as "plains" and "solid lands". In several situations, the popular terminologies used are taken from other regions such as the Northeast and Southeast of Brazil, especially for the most distant areas of the Amazon, far from the coast and large rivers, which were in the process of expansion of the occupation since the 1950s and 1960s.*

**Keywords:** Physical Geography; geographicity; landscape.

### INTRODUÇÃO: AZIZ, UM GEÓGRAFO DA PAISAGEM

A Geografia produzida por Aziz Nacib Ab'Sáber é uma Geografia das paisagens. Pela leitura de sua biografia<sup>2</sup>, é possível verificar a importância da percepção, do registro, da análise e da interpretação da paisagem em seu percurso de vida e trajetória acadêmica. A cada viagem que realizou, seja por espaços urbanos ou rurais, sempre trouxe uma contribuição para o conhecimento – passado, presente e futuro – das paisagens tropicais e sub-tropicais e, mais particularmente, das paisagens brasileiras<sup>3</sup>.

Fui espectador presencial do Professor Ab'Sáber em duas ocasiões nos seus dois últimos anos de vida (2011-2012), sem tentativas de aproximação, o que se explica por um misto de timidez e admiração diante desse gigante da Geografia brasileira e universal. Porém, bem antes desses encontros ele foi o responsável indireto pela minha permanência na Geografia. Imagino que milhares de geógrafos tiveram em suas vidas essa mesma influência, contando três a quatro gerações.

Permito-me contar brevemente essa história: no primeiro e parte do segundo ano da Licenciatura e Bacharelado em Geografia<sup>4</sup> pela Universidade Federal do Pará – UFPA, eu estava quase decidido a mudar de curso. Foi quando, na disciplina Climatologia, recebi de uma de suas maiores discípulas e divulgadoras na Amazônia, a Professora Ana Maria Medeiros Furtado<sup>5</sup>, um texto do Ab'Sáber intitulado "Problemática da

<sup>2</sup> Ab'Sáber (2007a).

<sup>3</sup> Uma assertiva bem sintetizada em Ab'Sáber (1971, p. 1-2).

<sup>4</sup> Pelo antigo Departamento de Geografia – Degeo, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – CFCH, hoje um Instituto – IFCH na Cidade Universitária "Professor José da Silveira Netto", ou Campus do Guamá, em Belém. As aulas do curso de Geografia eram ministradas, principalmente, no Bloco E do Setor Básico (Campus I). Atualmente, licenciatura e bacharelado são modalidades distintas de cursos de graduação dentro da Faculdade de Geografia e Cartografia – FGC.

<sup>5</sup> Cf. Furtado (2010).

## Ciência e conhecimento popular na geografia amazônica de Aziz Ab'Saber (Geomorfologia)

Desertificação e da Savanização no Brasil Intertropical”<sup>6</sup>. Apesar de ter entendido pouca coisa por causa do meu conhecimento ainda confuso sobre teorias e conceitos, métodos e metodologias, além de se tratar de um conjunto de paisagens (o sertão do Nordeste semi-árido) distante e distinto do meu mundo (a zona costeira da Amazônia), esse texto representou uma primeira imersão no universo da Geografia Física. Quando criança eu tinha aquela curiosidade sobre a natureza que encaminha os jovens para as Ciências da Terra e Biológicas, ou para a Geografia Física – à semelhança do menino Aziz, também interiorano, o que foi mais um elemento de identificação. A partir da leitura desse texto optei por ficar na Geografia. Ele me mostrou, em um tempo que a Geografia Humana dominava e cavava um “fosso” para a Geografia Física chamado de dicotomia, que a natureza é sim, e deve ser, uma preocupação dos geógrafos.

O ensaio aqui apresentado sobre ciência e conhecimento popular na Geografia do brasileiro Ab'Sáber (\*1924, +2012) se aplicaria ao conjunto de sua obra para qualquer uma dos *domínios de paisagem* do Brasil, que ele conheceu empírica e teoricamente como poucos geógrafos de ontem e de hoje; mas vou me ater ao *domínio* amazônico, com ênfase na *Geomorfologia*. Este ensaio integra o Seminário “O pensamento de Aziz Ab'Sáber e a Amazônia”, pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos – NAEA, da UFPA

As referências para a análise são textos selecionados que, nem de longe, esgotam a produção literária de Ab'Sáber sobre a geomorfologia da Amazônia, sendo este apenas um entre os vários temas que ele abordou – da Geografia Física à Humana, estudos de caráter interdisciplinar e propostas para o planejamento regional; mas são bem representativas para discorrer sobre a problemática escolhida.

Foi necessário incluir notas de atualização de termos e de teorias, pois se trata de uma obra já datada, enviesada para a Geografia do século XX; e explicações adicionais, na medida em que qualquer trabalho bibliográfico que pretenda ir além de um mero fichamento nunca estará isento das posturas teórico-metodológicas de quem o elabora, mesmo quando há o esforço de situar corretamente as ideias e as práticas do “bibliografado” nas conjunturas em que viveu – na cultura, ciência, política, economia e meio ambiente.

Organizo as ideias em torno do “conceito” de *geograficidade*, que é a essência do ser-e-estar no mundo, uma compreensão da experiência geográfica<sup>7</sup>. Isto não quer dizer, sob qualquer hipótese, que a obra de Ab'Sáber se alinha com a Fenomenologia enquanto método; mas somente que a sua vivência não se separa da ciência que produziu, o que ele fez questão de demonstrar em seus escritos e entrevistas<sup>8</sup>.

Neste sentido, duas passagens são emblemáticas: a viagem que o menino Aziz fez aos seis anos de idade com sua família desde o planalto (São Luiz do Paraitinga, interior de São Paulo, onde ele nasceu em 1924) até o litoral paulista (Ubatuba), reconhecimento pioneiro da diversidade das paisagens naturais; e suas excursões na cidade de São Paulo e arredores, quando ainda um jovem acadêmico, observou e formulou suas primeiras ideias sobre a compartimentação topográfica do sítio urbano<sup>9</sup>. Por outro lado, este traço da

---

<sup>6</sup> Ab'Sáber (1977a).

<sup>7</sup> Dardel ([1953] 2011).

<sup>8</sup> Ab'Sáber (2007a).

<sup>9</sup> O termo “sítio” era caro aos geógrafos clássicos para se referir ao quadro natural (terreno, estrutura física) sobre o qual as sociedades produzem e organizam os seus espaços-territórios. Para as cidades, falava-se em “sítio urbano”. Monbeig ([1941] 2004) também usa o termo, mas preferiu se referir ao sítio das cidades como o “local urbano”. Não se confunde

geograficidade também se faz presente no modo como a vivência e o conhecimento populares muitas vezes aparecem nos textos de Ab'Sáber.

Segundo, não há como separar a obra de Ab'Sáber do *conceito de paisagem*, que ele herdou de seus mestres da Universidade de São Paulo – USP, principalmente de Pierre Monbeig, e de professores visitantes como Jean Tricart, André Cailleux e Francis Ruellan. Embora não se encontre uma definição precisa de paisagem em seus escritos, pode-se ter como um ponto de partida a *paisagem geomorfológica*, que passa pelo entendimento de uma Geomorfologia “tripartite”: a análise da compartimentação do relevo, estrutura superficial e fisiologia da paisagem<sup>10</sup>, aliada ao trabalho de campo, à observação sistemática, à correlação, e à elaboração de esquemas e desenhos na metodologia geográfica.

Tal aspecto situa o Professor Ab'Sáber na transição entre a Geografia Clássica e, por assim dizer, uma moderna Geografia no Brasil que surgiu nas décadas de 1950 a 1970. Por sua longevidade perpassou, também, a transição do século XX para o XXI, incorporando outras metodologias e problemáticas, a exemplo do uso de imagens de satélite (orbitais) e a preocupação com a ocupação do litoral, os impactos ambientais crescentes pelo território, as frentes de expansão econômica e a consolidação das leis ambientais.

Vale ressaltar que os demais temas abordados pelo geógrafo Ab'Sáber em sua vasta obra de mais de seis décadas de produção ininterrupta, como na Geografia Urbana ou Regional, na Climatologia, na Biogeografia e no Planejamento, *quase sempre* partiram ou voltaram para a paisagem e a Geomorfologia.

A exposição das ideias revela duas faces deste grande geógrafo. Por um lado, aparece um Ab'Sáber mais *especialista*, dentro da Geomorfologia e das disciplinas da Geografia Física diretamente relacionadas a ela, como a Hidrografia e as supracitadas Climatologia e Biogeografia, na explicação dos conjuntos de paisagens naturais<sup>11</sup>. Por outro lado, aparece um Ab'Sáber mais *generalista*, deslocado para as interfaces com as disciplinas da Geografia Humana e outras ciências dentro das Humanidades. Além de se preocupar com os impactos da ação antrópica sobre a natureza e as paisagens originais, o generalista detalhou aspectos do modo de vida das populações<sup>12</sup>.

## **PAISAGENS GEOMORFOLÓGICAS AMAZÔNICAS**

Ab'Sáber esteve na Amazônia pela primeira vez em 1953, uma excursão improvisada junto com a Força Aérea Brasileira – FAB e professores da Universidade de São Paulo – USP até Manaus e cercanias, no

---

com o sentido de propriedade que o termo “sítio” possui nos estudos do meio rural brasileiro (e.g.: Muller, 1954). Foram vários os textos que ele escreveu a respeito de sítios urbanos, a exemplo de Manaus (Ab'Sáber, 1953), São Paulo (Ab'Sáber, [1957] 2007b) e Porto Alegre (Ab'Sáber, 1965).

<sup>10</sup> Ab'Sáber (1969).

<sup>11</sup> No sentido de conjuntos paleoecológicos, paleoclimáticos e atuais de natureza e paisagem. O significado de “atual” foi definido como o “[...] conjunto das paisagens naturais integradas, encontradas pelos primeiros colonizadores europeus no início do século XVI” (Ab'Sáber, 1996a, p. 63).

<sup>12</sup> A diferença entre especialista e generalista é bastante conhecida no universo das profissões. Pierre Dansereau (1999, p. 121-123), por exemplo, utiliza-a para designar o papel de diferentes profissionais em uma equipe multi ou interdisciplinar, em que os especialistas atuam em um nível específico de estudo, e os generalistas possuem habilitação para mais de um nível de estudo.

## Ciência e conhecimento popular na geografia amazônica de Aziz Ab'Sáber (Geomorfologia)

estado do Amazonas<sup>13</sup>. Era um tempo em que os aviões, junto com os barcos, dominavam as rotas de transporte na região<sup>14</sup>, e crescia o uso de fotografias aéreas para o conhecimento dos aspectos naturais, o que ele menciona por diversas vezes em seus textos nos anos 1960, antes do avanço no uso das imagens de radar na década de 1970, sobretudo com o Projeto Radambrasil<sup>15</sup>.

Ab'Sáber estabeleceu como uma de suas prioridades para a Amazônia o estudo do quadro geomorfológico – revelando-se aqui o especialista em sua plenitude –, opondo-se às generalizações ainda vigentes sobre o relevo regional e, por extensão, sobre todos os aspectos da natureza:

Dessa forma, a despeito das sutis variações regionais da topografia e de seus terrenos quaternários e terciários<sup>16</sup> e dos solos a elas correspondentes, assim como da diversidade das águas de seus rios e igarapés, e até mesmo dos componentes de suas florestas, a região amazônica tem sido erroneamente encarada como um monótono conjunto de terras baixas, extensivamente recobertas por florestas equatoriais<sup>17</sup>.

Apesar de os primeiros escritos do autor sobre a Amazônia serem os do artigo que publicou sobre a cidade de Manaus<sup>18</sup> em 1953 (Fig. 1), para uma análise da geomorfologia regional ou, em outras palavras, das paisagens geomorfológicas, interessa mais considerar como ponto de partida os textos da segunda metade da década de 1960, quando, após ter realizado trabalhos de campo e publicações para todas as grandes regiões do país, ele já havia amadurecido a “teorização” do território brasileiro em domínios morfoclimáticos<sup>19</sup>.

Antes de seguir, é importante destacar dois aspectos metodológicos do pensamento e da construção da Geografia de Ab'Sáber: a *generalização*, e a gradação da *análise* para a *teorização*, que ele mesmo explicou:

Essa possibilidade de generalizar o conhecimento tornou-se frequente em minha vida. [...] Os conhecimentos eram aperfeiçoados na medida em que podia ir diretamente às regiões de meu interesse geomorfológico e fitogeográfico regional. [...]  
Mas desde o início escrevi e publiquei trabalhos. O geógrafo tem que publicar seus trabalhos – como artigos analíticos, no começo; um dia, pode-se chegar à teorização. É um conselho que me foi dado pelo professor Pierre Monbeig, e que segui radicalmente<sup>20</sup>.

<sup>13</sup> Ab'Sáber (2007a, p. 61-64).

<sup>14</sup> Cf. Guerra (1959).

<sup>15</sup> e.g. Ab'Sáber (1996b, p. 32) e Ab'Sáber (2007a, p. 117).

<sup>16</sup> Houve mudanças na compreensão do tempo geológico a partir dos anos 2000, de modo que não alcançaram a maior parte da obra de Ab'Sáber. Segundo a Carta Cronoestratigráfica Internacional (IUGS, v2022/10), ou escala geológica do tempo, o Terciário é compreendido atualmente em dois períodos: Paleogeno (66-23 milhões de anos A.P.) e Neogeno (23-2,5 anos A.P.). Já o Quaternário, período mais recente, teve seu início recuado para 2,5 milhões de anos A.P., sendo caracterizado pela ocorrência de grandes glaciações que afetaram o clima global da Terra nos últimos 2 milhões de anos, a última delas terminando por volta de 11 a 10 mil anos A.P. (A.P.= antes do presente.).

<sup>17</sup> Ab'Sáber (1966, p. 2).

<sup>18</sup> Ab'Sáber (1953a; 1953b).

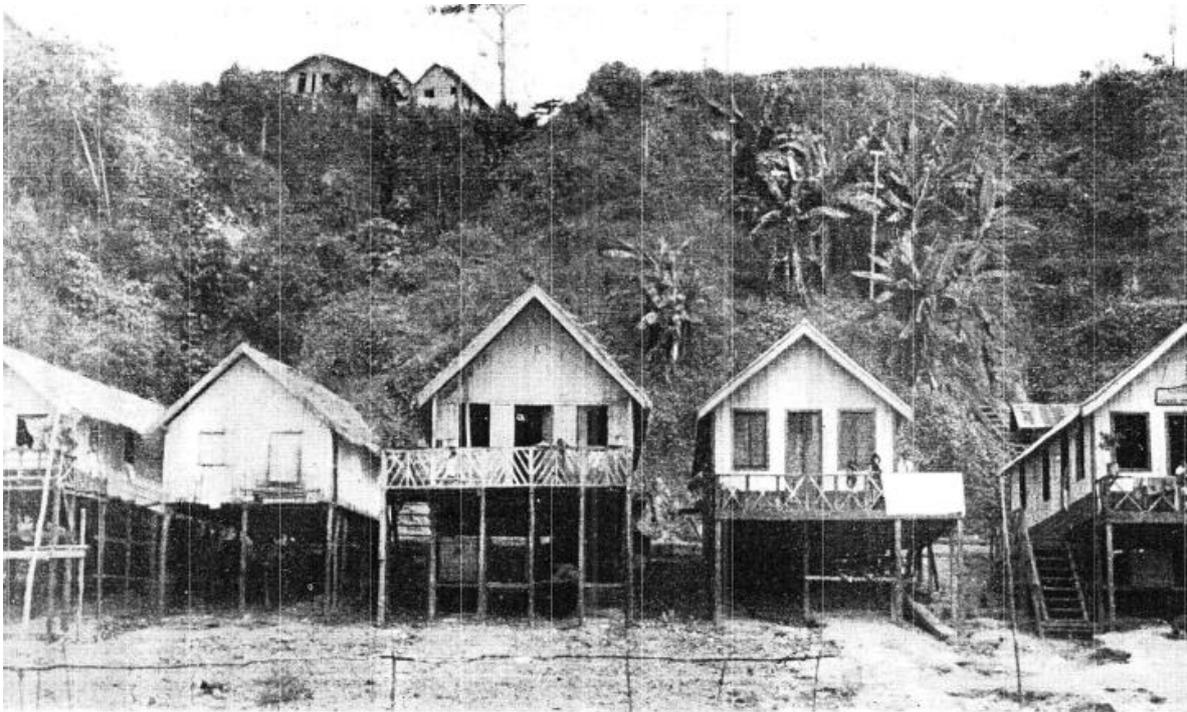
<sup>19</sup> Ab'Sáber (1965).

<sup>20</sup> Ab'Sáber (2007a, p. 59-60; 74).

## Ciência e conhecimento popular na geografia amazônica de Aziz Ab'Saber (Geomorfologia)

Os dois aspectos também se relacionam com o princípio taxonômico da escala, dentro da abordagem *geossistêmica*<sup>21</sup> que consagrou a Geografia Física moderna nos anos 1960. Assim, os trabalhos que Ab'Sáber considera como *analíticos* são, principalmente, estudos de caso para espaços mais localizados – paisagens, geossistemas, geótopos ou geócoros; e os teorizantes são ideias gerais na forma de pequenos tratados teórico-metodológicos<sup>22</sup>, ou trabalhos em que as análises são extrapoladas, por comparação e generalização, para espaços maiores – regiões, domínios e zonas.

**Figura 1** – Vista parcial da cidade de Manaus – AM em 1953, no contato entre a planície de inundação do rio Negro, que Ab'Sáber denominou de “praia de estiagem”, e a escarpa fluvial que delimita o tabuleiro arenoso dessa parte da Amazônia. Além dos aspectos geomorfológicos, chamou muito a atenção do geógrafo a arquitetura palafítica destes chalés ribeirinhos construídos em madeira



**Fonte:** Ab'Sáber (1953a)

Por isso, a percepção, o registro, a análise e a interpretação da paisagem nos diversos espaços da Amazônia que Ab'Sáber percorreu foram experiências geográficas que se somam na compreensão total do *domínio morfoclimático das terras baixas florestadas equatoriais*, ou, simplesmente, *domínio amazônico*.

---

<sup>21</sup> A noção de geossistema, embora consolidada por Bertrand ([1967] 1971), tem o seu fundamento de escala taxonômica em Cailleux e Tricart (1956), que definiram ainda nos anos 1950 as diferentes ordens ou grandezas espaço-temporais de interesse para a análise geomorfológica.

<sup>22</sup> Com destaque para a Geomorfologia Tripartite (Ab'Sáber, 1969), a delimitação dos domínios morfoclimáticos (Ab'Sáber, 1967) – sob inspiração da Geomorfologia Climática dos franceses –, e outras noções capitais da obra de Ab'Sáber, como os estudos sobre *circundesnudação*, depois entendida como *pediplanação*; a teoria dos *redutos*, associada às noções de *refúgios* e *relictus*; e os *palimpsestos*, ou seja, marcas do passado na paisagem atual que equivalem à noção de *rugosidades* em Milton Santos. Ab'Sáber e Santos tiveram a influência direta de Jean Tricart, o que explica a existência de alguns pontos em comum na obra de ambos.

## Ciência e conhecimento popular na geografia amazônica de Aziz Ab'Saber (Geomorfologia)

Procurei abordar um aspecto ainda pouco explorado entre os estudos bibliográficos sobre o autor: a utilização de terminologias vernáculas, isto é, *populares*, incorporadas à Geomorfologia e a outras disciplinas da Geografia Física para alcançar explicações geocológicas das paisagens (Quadro 1).

**Quadro 1** – terminologias vernáculas utilizadas por Ab'Saber para explicar a geomorfologia da Amazônia e aspectos associados

Texto, ano	Termos amazônicos	Termos extra-amazônicos
<i>O domínio morfoclimático amazônico</i> , 1966	Igarapés, “tesos”, “serra”, “ilhas” (manchas de paisagens exóticas), “terras firmes”, várzeas, baixadas	Caatingas, cerrados, “avarandados”, mesas, mesetas, mamelonizado, baixadas (“bajadas”)
<i>Problemas geomorfológicos da Amazônia brasileira</i> , 1967 (1996a)	Igarapés, igapós, “lavrado”,	Caatingas
<i>Paleoclima e paleoecologia da Amazônia brasileira</i> , 1981 (1996b)	“Lavrado”, “ilhas”, ilhas, campinas, campinaranas, areias brancas, “terra firme”, rios negros, várzea, igapós, restingas, “capões”, mangues, manguezais	Chapadas, chapadões, cerrados, brejos, “brejos”, “pães de açúcar”, espigões, caatingas, “malhadas”, “ariscos”, “jundu”, matações, serranias, outeiros
<i>Geomorfologia do Corredor Carajás-São Luís</i> , 1986 (1996c)	“Firmes”, “terras firmes”, terras firmes, boca, baixada, várzeas, mondongos, serra, vazas, cocais, embaubais, mangues, manguezais, capoeiras	Mamelonizado, morrotes, ariscos, chapadões, serrania, campos gerais
<i>Amazônia brasileira, um macrodomínio</i> , [1993] 2003	Boca, aningais, pororoca, rio branco, rios “negros” ou de águas “pretas”, praias (fluviais, “de estiagem”), furos, igarapé, paraná, várzea, terra firme, “centro”, “brocada”, “ilhas” (de planalto)	Cerrados, cerradões, caatingas, serrinhas

**Fonte:** elaboração própria.

Nota: manteve-se o uso das aspas conforme os textos consultados

Além das terminologias propriamente amazônicas, foram incluídas no quadro várias outras de origem extra-amazônica, igualmente vernáculas, emprestadas de outras regiões e domínios morfoclimáticos do Brasil por comparação e generalização; mas também, e muito possivelmente, pela ausência de termos locais/regionais para algumas formas e processos naturais, sobretudo nos espaços de mais difícil acesso e, por muito tempo, menos habitados e conhecidos, distantes do litoral e das largas calhas aluviais do rio Amazonas<sup>23</sup>. Este fato será retomado posteriormente por se tratar de um ponto importante das dinâmicas recentes (pós-1950) de apropriação, ocupação, uso da terra e de transformação das paisagens na Amazônia.

<sup>23</sup> Este fato não passou despercebido nos seus escritos. Para a Amazônia oriental, especificamente a região do Programa Grande Carajás – PGC, Ab'Saber ([1980] 1996c, p. 67) lembra que até 1971, quando a ocupação e a destruição da floresta se expandiam, o conhecimento geológico-geomorfológico se limitava a excursões fluviais e estudos para alguns poucos setores de terra firme do nordeste do Pará e do oeste do Maranhão.

## Ciência e conhecimento popular na geografia amazônica de Aziz Ab'Sáber (Geomorfologia)

Os dois primeiros textos selecionados datam da década de 1960, e neles se observa menor utilização de terminologias vernáculas amazônicas, ou mesmo extra-amazônicas. Nos demais textos, publicados a partir da década de 1980, essas terminologias, ao contrário, ganham maior importância (Quadro 1). Não se encontrou textos da década de 1970 relevantes para a análise da Geomorfologia da Amazônia por Ab'Sáber, a não ser como pequenas sínteses em trabalhos gerais sobre o Brasil ou a América do Sul<sup>24</sup>.

Se por um lado, essa diferença entre os textos dos anos 1960 e os dos anos 1980-2000 representa um aprofundamento empírico e teórico acerca da geomorfologia amazônica e brasileira como um todo, por outro, é também o reconhecimento do saber popular pelo próprio autor. Em suas palavras, ao se referir à drenagem amazônica:

A nomenclatura popular para diferentes cursos d'água na Amazônia é muito rica, ao mesmo tempo em que possui alta significância científica<sup>25</sup>. Cada um desses nomes traduz conceitos obtidos através de vivências prolongadas. [...] Os critérios embutidos nas classificações populares dos componentes da drenagem amazônica têm valor científico. O povo da Amazônia reconhece tipos de rios pela cor das águas, pela ordem de grandeza dos cursos d'água, por sua largura, volume e posição fisiográfica, assim como pelo sentido, continuidade e duplicidade da correnteza<sup>26</sup>.

A passagem acima faz parte do famoso livro “Os domínios de natureza do Brasil”, publicado em 2003 a partir de revisões, de sínteses e de acréscimos sobre textos das décadas anteriores, a maioria dos anos 1990 e 2000 –, e suas falas revelam, assim, tanto o Ab'Sáber *especialista* quanto o *generalista*, pesquisador “maduro”, reflexivo de sua obra e legado para a Geografia. Alguns anos depois, reconheceu que no início da carreira dava pouco destaque ao fator humano nas paisagens geomorfológicas:

Quem se dedica exclusivamente à geomorfologia, como eu no início da minha carreira, tem um prazer muito especial na observação da paisagem, mas sem a conotação de perceber defeitos da organização humana sobre os espaços da natureza. *Com o tempo, sai desse esquema. É muito bonito no começo da vida a gente viajar para ver feições, ter ideia de panoramas e de cenários...*<sup>27</sup>

Entenda-se, agora, essa evolução da trajetória científica de Ab'Sáber às análises que fez para o domínio amazônico. Até os anos 1980 e 1990, embora o conhecimento popular dos amazônidas já estivesse incorporado em suas explicações no âmbito da Geomorfologia, isto ainda não era admitido explicitamente. Outra passagem, de um artigo publicado no ano de 2005, dá-nos uma ideia ainda mais abrangente a esse respeito:

---

<sup>24</sup> e.g. Ab'Sáber (1971), Ab'Sáber (1977b) e Ab'Sáber (1977c).

<sup>25</sup> Além da classificação em rios de águas “brancas” (ou “barrentas”), “negras” (ou “pretas”) e “claras” (também chamadas de águas “limpas” pela população regional), admitida nos estudos de Sioli (1967), a classificação regional distingue entre *rios*, mais extensos e largos, e *igarapés*, sendo estes cursos d'água mais estreitos, do idioma Tupi “caminho de canoa”, interiorizados nas matas (“centros”) e de menor hierarquia fluvial (primeira a terceira ordens fluviais); *bocas* para as desembocaduras; e uma série de canais de bifurcação ou de interligação da drenagem, como os *furos*, *braços* e *paraná*s. Recomenda-se, também, cf. Soares (1959, 1977).

<sup>26</sup> Ab'Sáber (2003, p. 67, grifo nosso).

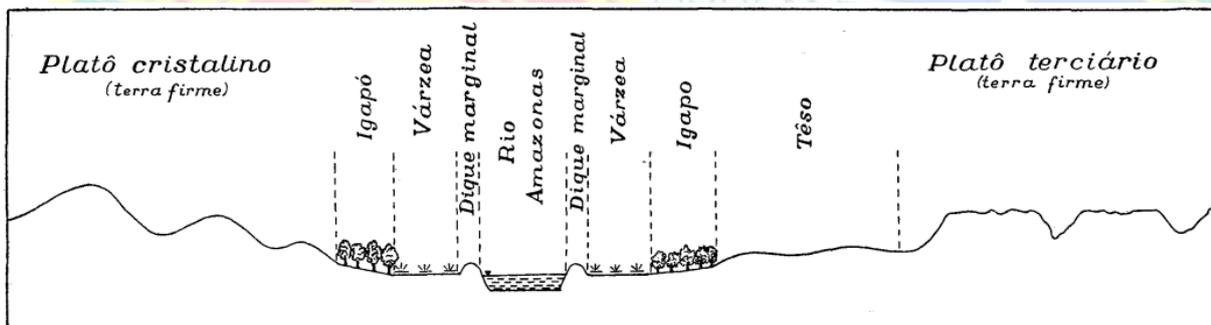
<sup>27</sup> Ab'Sáber (2007a, p. 147).

## Ciência e conhecimento popular na geografia amazônica de Aziz Ab'Saber (Geomorfologia)

Isto posto, interessa-nos falar um pouquinho da nomenclatura que o povo dá para esse conjunto de regiões. Na Amazônia predominam dois termos genéricos de aplicação de corrente popular e cotidiana: a “terra firme” e a “várzea”. Do ponto de vista científico, a terra firme não é igual em toda parte, tendo grande continuidade e homogeneidade nos tabuleiros ondulados da Amazônia e modificações setoriais em diversos pontos devido ao contraste nos solos aflorantes. Às vezes, aparecem pequenos setores onde se verifica a existência de muita areia e onde a floresta não entra: campinas, campinaranas e réstias de cerrado em terraços arenosos<sup>28</sup>.

A distinção entre “terra firme” e “várzea”, ao que se pode incluir o “igapó”, é decerto a chave para qualquer esquema pragmático (pelo senso comum) ou técnico-científico de explicação da natureza na Amazônia e dos seus esquemas de paisagens, ecossistemas ou geossistemas. Antes dele, isso já havia sido admitido por nomes ilustres como Paul Le Cointe, Curtis Marbut e C. B. Manifold, Pedro de Moura, Pierre Gourou, Takao Sakamoto e Antonio Guerra para entender o quadro geomorfológico<sup>29</sup> (Fig. 2).

**Figura 2** – Corte esquemático do relevo da Amazônia, elaborado por Pedro de Moura



**Fonte:** Moura (1943)

Para estas duas formas básicas e genéricas do relevo, reconhecidas na geograficidade do habitante regional para distinguir os terrenos inundáveis dos não inundáveis, Ab'Saber referiu-se inicialmente, para a várzea-igapó, de *planície aluvial*; enquanto a terra firme foi denominada por nomes como *platôs*, *tabuleiros* ou *colinas tabuliformes*. É justamente para essa combinação de formas básicas que se aplica com mais propriedade a expressão de “terras baixas amazônicas florestadas”, no *core* do vasto domínio morfoclimático, um corredor *zonal* oeste-leste, disposto ao longo do eixo central de uma vasta bacia sedimentar e hidrográfica, sobre a qual florestas tropicais úmidas biodiversas se expandiram no Holoceno (11 mil anos A.P.) em resposta ao clima quente e úmido<sup>30</sup>.

<sup>28</sup> Ab'Saber (2005, p. 9).

<sup>29</sup> Ab'Saber (1996a, 1996b). Na Antropologia, cabe destacar, ainda, o fabuloso trabalho de Meggers ([1971] 1987) sobre as culturas amazônicas e modos de adaptação das populações às condições ecológicas da várzea e da terra firme, no livro “Amazônia: a ilusão de um paraíso”.

<sup>30</sup> Cf. referências da nota de rodapé 23; e também Ab'Saber (1966, 2003).

Mas o espaço geocológico total da Amazônia, que ele define como um macrodomínio de “primeira grandeza”, portanto, de significado zonal<sup>31</sup>, abrange uma diversidade muito maior que a oposição genérica entre várzea-igapó/terra firme, em função de variações sutis da estrutura geológica, do relevo, do clima (meso e microclimas), dos solos, das condições de drenagem, dos tipos de vegetação e das ações antrópicas, combinadas em paisagens sub-regionais e locais, muitas vezes como “ilhas” em meio à floresta.

É a partir deste aspecto que a utilização de terminologias vernáculas, com origem na *geograficidade* dos amazônidas ou tomadas de empréstimo de populações de outras regiões, amplia-se, incorporando a fala e o saber populares ao vocabulário e às análises e teorizações em Geomorfologia e nos estudos das paisagens florestadas tropicais úmidas.

Antes de prosseguir, cabe ainda destacar que Ab'Sáber deixou para a posteridade poucos esquemas gráficos da compartimentação topográfica regional<sup>32</sup>, ao contrário do que o fez em belíssimas ilustrações para outros domínios, como produto de sua notável percepção estética e capacidade para o desenho. Mesmo o acervo fotográfico – considerando o que foi publicado até o presente – para a Amazônia é pequeno. Mas existem esquemas de escala sub-regional, como um diagrama de paisagens elaborado para o corredor Carajás-São Luís (PA-MA), na Amazônia oriental, e alguns esboços geomorfológicos da região de Tucuruí – PA, que permaneceram por quase 30 anos sem serem publicados.

### Nas Planícies

A planície fluvial sempre foi, historicamente, o “tipo” de paisagem que mais chamou a atenção de viajantes, cronistas e estudiosos da Amazônia brasileira, sobretudo pela facilidade de transporte por meio dos rios que compõem a vasta bacia hidrográfica regional. Chama a atenção, também, a sua relativa homogeneidade por mais de dois mil quilômetros apenas no eixo do rio Amazonas, sem contar que a planície fluvial está presente, igualmente, por mais alguns milhares de quilômetros nos baixos e médios vales de rios afluentes, espreado-se a leste pelo golfo amazônico<sup>33</sup>.

Referindo-se às *planícies aluviais*, além de várzea e de igapó aparece nos textos de Ab'Sáber sobre a geomorfologia da Amazônia termos como o “*teso*”, usado regionalmente para designar níveis de baixos terraços ou diques; a *baixada*, que equivale às várzeas e aos igapós como expressão genérica para os terrenos inundáveis no interior da bacia amazônica e litoral da região<sup>34</sup>; e *restinga*, expressão para designar réstias de

<sup>31</sup> Ab'Sáber (1971, p. 3; 2003, p. 63). O termo *zonal* se aplica à primeira grandeza espaço-temporal de Cailleux e Tricart (1956), adotada por Bertrand ([1969] 1971), ao nível dos cinturões morfoclimáticos e paisagísticos planetários – tropicais, sub-tropicais, temperados, periglaciais e glaciais.

<sup>32</sup> Outros autores elaboraram tais esquemas, e.g.: Moura (1943); Sombroek (1966); Sioli (1967); Soares (1959, 1977).

<sup>33</sup> Recomendo a esse respeito a leitura de quatro clássicos da literatura geográfica sobre a Amazônia: Moraes (1936), “Na planície amazônica”; Tocantins (1951), “O rio comanda a vida”; Moreira (1960), “Amazônia: o conceito e a paisagem”; e Benchimol (1977), “Amazônia: um pouco-antes e além depois”.

<sup>34</sup> Além de baixada, várzea e igapó, o saber popular também emprega variações como *baixa*, *gapó*, *vage*, *valge*, *vagia* e *mangal* para se referir aos terrenos inundáveis, muitas vezes com sentido pejorativo tanto de um ponto de vista físico-ambiental (insalubridade) quanto social-econômico (rusticidade, pobreza etc.). A Geografia Física, porém, consagrou o termo igapó para os terrenos *permanentemente* inundáveis; e várzea

sedimentação fluvial ou fluviolacustre semelhantes às da zona costeira – contudo, distintas destas por suportarem ecossistemas tipicamente fluviais.

Ao se introduzir o *litoral amazônico* na discussão, cabe destacar que o mesmo só teve destaque mais efetivo na obra de Ab'Saber a partir dos anos 1980, como o atesta o emprego de terminologias como mangues, manguezais e “vasas” (sedimentação lamosa)<sup>35</sup>.

Os termos citados possuem conotação *geomorfológica*, *geossistêmica* e *geoecológica*, e vários outros ainda podem ser lembrados, como os *mondongos* de Marajó e os *aningais* da “região das ilhas” entre Belém e os baixos vales dos rios Tocantins e Guamá. Destaco, porém, por sua maior importância na paisagem as “ilhas”, fragmentos do baixo planalto isolados por águas e terrenos inundáveis; e as “praias”, sedimentação arenosa fluvial de “estiagem” ou de maré baixa utilizada para a atracagem, o lazer e recreação<sup>36</sup>. São, todas, manifestações do conhecimento da geodiversidade das planícies amazônicas, percepção que ele deve, em muito, ao contato direto com as paisagens e suas gentes (Fig. 3).

A afirmação de que os estudos sobre o relevo vão *além* de uma mera conotação geomorfológica, é tanto mais válida para os seus textos recentes (1980-2012), pois é nestes que aparece, com maior vigor, o *generalista* Ab'Saber, mesclando às suas explicações geomorfológicas – mas também hidrográficas, biogeográficas e paleogeográficas – detalhes dos modos de vida, produzindo culturas e transformando a natureza. Na medida em que o peso da Geomorfologia diminui, abre-se as análises para múltiplas interfaces para a Geografia Humana, Antropologia e Economia, com abordagens interdisciplinares das problemáticas que envolvem as relações sociedade-natureza.

Para as populações que vivem nas planícies ou próximo delas mantendo, contudo, forte dependência dos recursos naturais das águas, várzeas, igapós etc., muitas vezes utiliza-se do termo “beiradeiras”, embora o mais usual na literatura para a Amazônia seja se referir a elas como “ribeirinhas”. Suas descrições sobre o modo de vida “beiradeiro” deram atenção especial aos moradores que vivem ao longo dos igarapés:

Para compensar o isolamento, existem as oferendas da natureza para os homens que aí vivem: o peixe dos pequeninos rios, as palmáceas dotadas de frutos comestíveis, a caça nas florestas, o material construtivo das matas circunvizinhas. Casas palafíticas em minúsculas clareiras rodeadas por açaizeiros. Mais ao longe, uma pequena roça de mandioca. Algumas poucas fruteiras tropicais, mantidas na parte “brocada” da mata. Tudo aproveitado com comedimento<sup>37</sup>.

---

para aqueles em que a inundação é periódica. Cf. Moreira (1976); (Soares, 1959, 1977); Trindade Júnior, (1997).

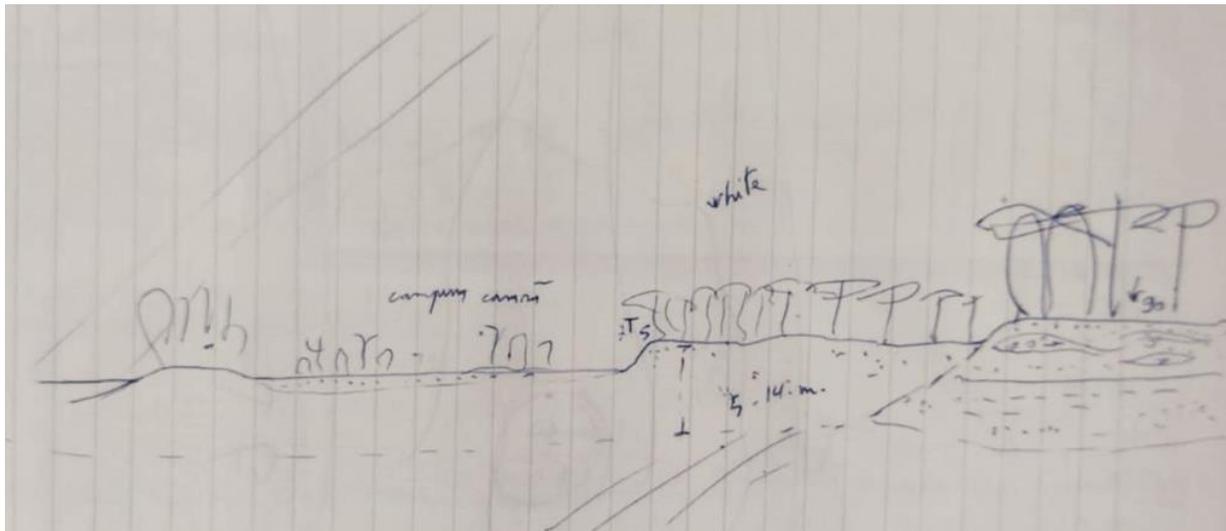
<sup>35</sup> Cf. Ab'Saber (1996c).

<sup>36</sup> Não possui, neste caso, o mesmo significado geomorfológico das praias litorâneas, resultantes do transporte e deposição por ondas e correntes. A “praia” fluvial típica na Amazônia é um depósito sedimentar arenoso, cascalhento ou, no caso do Amapá, também lamoso, na forma de bancos, barras ou ilhas, expostos durante a maré baixa e/ou na “vazante” dos rios (estiagem, quando baixa o nível das águas). São exemplos as famosas praias de Alter do Chão, em Santarém – PA, Tucunaré, em Marabá – PA, e Ponta Negra, em Manaus – AM. No estuário do rio Pará várias praias são chamadas de “fluviais” (Belém – Mosqueiro, Colares, Salvaterra etc.), contudo, são propriamente costeiro-estuarinas, que analisei em trabalho anterior (Barbosa, 2007).

<sup>37</sup> Ab'Saber (2003, p. 73).

## Ciência e conhecimento popular na geografia amazônica de Aziz Ab'Sáber (Geomorfologia)

**Figura 3** – Perfil do “dique” do rio Moju, com um transecto manuscrito de geossistemas entre o rio e a terra firme, feito a punho por Ab'Sáber no final dos anos 1970



42

**Fonte:** Ab'Sáber (2010)

O contato com estas populações “beiradeiras” de “geografia humana sofrível” dos rios e igarapés amazônicos nunca saiu das memórias de Ab'Sáber<sup>38</sup>, e veio à tona em vários outros textos, inclusive para destacar as pressões sociais, econômicas, fundiárias e ambientais que as mesmas enfrentaram com a expansão recente da agropecuária que se seguiu à abertura de estradas no domínio amazônico, ocasionando a desperenização da drenagem e problemas de locomoção por meio dos cursos d'água<sup>39</sup>.

Mais uma vez, destaco que as descrições de paisagens geomorfológicas nas planícies amazônicas abarcam, principalmente, a Amazônia *fluvial*, e ainda assim com a limitação de ter dado um menor destaque às outras bacias (Tocantins-Araguaia, bacias costeiras e sub-costeiras), senão à do rio Amazonas. As planícies do litoral amazônico também, embora não esquecidas em sua obra, receberam menor atenção<sup>40</sup>.

Ambos os casos não lhe tiram o mérito de abordar, criativa e originalmente, estas paisagens geomorfológicas dentro da geograficidade dos amazônidas, e dentro da sua própria geograficidade de pesquisador de campo atento para a paisagem.

### Nas Terras Firmes

Para a terra firme ou simplesmente “firme”, que Ab'Sáber esclareceu “não ser igual em toda parte”<sup>41</sup>, sua obra distingue tabuleiros sedimentares em diferentes níveis, em largas extensões caracterizados como *colinosos*; e faixas de planaltos com relevos cuestiformes, colinas propriamente ditas (os relevos “mamelonizados”) e “serras”, modelados sobre rochas sedimentares antigas, vulcanossedimentares ou

<sup>38</sup> Ab'Sáber (2007a, p. 159-161).

<sup>39</sup> Ab'Sáber (2005).

<sup>40</sup> Para estas bacias e o litoral amazônico, cf. Ab'Sáber (1999c, 2001, 2006).

<sup>41</sup> Ab'Sáber (2005, p. 9).

## Ciência e conhecimento popular na geografia amazônica de Aziz Ab'Sáber (Geomorfologia)

“cristalinas” (ígneas e metamórficas). Para descrever os planaltos, que perfazem a maior extensão do domínio amazônico, é que o autor utilizou maior número de terminologias vernáculas já empregadas em publicações para os demais domínios morfoclimáticos – Cerrados, Caatingas, Pantanal, “Mares” de morros e os “Pampas” (pradarias mistas) e Matas de Araucárias<sup>42</sup> –, como é o caso de: “mamelonizado”, cerrados, chapadões, “avarandados”, mesas, mesetas, “bajadas”, “brejos”, “pães de açúcar”, “malhadas”, “ariscos”, espigões, outeiros, matacões e jundus (Quadro 1).

O termo *serra* merece um destaque especial. O mesmo já era de longa data utilizado pelos amazônidas para se referir a elevações próximas de rios como o Amazonas-Solimões, Negro, Xingu, Tapajós, Tocantins e Araguaia, todos eles oriundos dos antigos “escudos” ao norte e sul da bacia amazônica<sup>43</sup>, – exceção feita ao Solimões, que nasce na cordilheira dos Andes. Ab'Sáber, generalizando seu conhecimento de outros domínios – especialmente onde predominam terrenos cristalinos similares aos do norte e sul da Amazônia<sup>44</sup> –, acrescentou os termos *serrinhas*, *serranias*, “*pães de açúcar*” e *morrotes*.

Assim como fez para as planícies, uma grande contribuição de Ab'Sáber associada com os estudos geomorfológicos está na identificação de diferentes geossistemas nas terras firmes, a exemplo de “ilhas” de paisagens exóticas em meio às florestas, campinas, e matas em diferentes níveis topográficos. Não deixou de considerar, também fisionomias com origem em ações antrópica, tais como os “embaubais” e as “capoeiras”.

Há muitas explicações possíveis para a ausência, admitida com certos limites que serão vistos a seguir, de terminologias vernáculas que pudessem ser aplicadas ao registro, análise e interpretações do relevo nos espaços mais interiorizados do domínio amazônico.

Este fato se deve, por um lado – e conforme já mencionado –, à expansão mais recente da ocupação não indígena e suas práticas de exploração de recursos naturais e uso da terra pelo interior dos planaltos amazônicos, afastando-se da calha do grande rio e dos seus afluentes, assim como do litoral e das poucas áreas mais interiorizadas que conheceram ações de desmatamento extensivo antes dos anos 1950 – o nordeste do Pará (Zona Bragantina, Tomé-Açu), o Acre (seringais), os “lavrados” de Roraima, e o eixo da Ferrovia Madeira-Mamoré em Rondônia. Portanto, ao contrário do *core* das terras baixas, esses interiores eram pouco conhecidos *pela ciência* e, como tal, estava mais a descoberto o modo como as suas formas e seus processos naturais tinham sido incorporados ao saber popular, ou mesmo como topônimos em mapas mentais ou cartografias.

Acima, dei um destaque para o *pela ciência* porque se deve ter o cuidado de não cair nas armadilhas de considerar as bordas ou periferias do domínio amazônico como áreas sem povoamento (a “terra sem homens”) até por volta das décadas de 1950 a 1970, o que é uma inverdade histórica.

Existiam e ainda existem, nesses espaços, populações interiorizadas com um profundo conhecimento da natureza, contudo, isto pouco aparece nos escritos de Ab'Sáber. Tanto que, na pesquisa bibliográfica, as

---

<sup>42</sup> Ab'Sáber (1967, 1971, 2003).

<sup>43</sup> Uma boa literatura que se pode consultar em relação ao registro das serras marginais ou próximas aos grandes rios da Amazônia é a dos chamados “viajantes”, especialmente os que percorreram a região no século XIX e primeiras décadas do século XX. Cf. Ab'Sáber (1996a, 1996b).

<sup>44</sup> Ab'Sáber (1999a, p. 38).

únicas terminologias que se podem atribuir a essas populações são *serras* e *lavrados*, estes últimos referindo-se aos campos naturais de Roraima; e único destaque é dado aos seringueiros, muitos deles nordestinos, que subiram pelos igarapés até áreas de exploração de *hevea* muito afastados. Faltou considerar, assim, diversas populações indígenas não ribeirinhas, castanheiros, quilombolas, canoeiros e famílias de “brancos” ou de caboclos que haviam subido os rios acima das chamadas *fall zones*, zonas de cachoeiras no contato entre os terrenos sedimentares e os “cristalinos”.

Por outro lado, é compreensível admitir que o uso de terminologias extra-amazônicas também se deva ao fato de que as bordas entre os domínios morfoclimáticos são, do ponto de vista da *fisiologia da paisagem*, gradacionais. Para o sul da Amazônia começam a surgir “ilhas” com manchas de cerrados, ou cerrados verdadeiros com veredas (“avarandados”) e “capões” de matas. Na direção do Piauí, vão se expandindo os *cocais* e os *babaçuais*, além das chapadas típicas do chamado Meio Norte.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão do saber popular nas análises da geomorfologia da Amazônia por Aziz Ab'Sáber fez com que diversas terminologias vernáculas adentrassem a seara da ciência. Isto possui grande importância não somente no “estudo da arte” do relevo amazônico, mas serve como ensinamento para novas pesquisas, novos escritos, sobretudo na Geografia Física, a qual utiliza jargão estritamente técnico e de entendimento muitas vezes restrito a poucos especialistas, dentro de suas áreas temáticas. Ab'Sáber assim procedeu com grande rigor, jamais sendo aleatório: aliou pesquisa bibliográfica, trabalho de campo, generalizações de ordem teórico-conceitual e empírica e muita criatividade. Ainda hoje poucos se atrevem a empregar terminologias vernáculas como ele fez, valorizando a geograficidade dos habitantes regionais. Os registros das paisagens geomorfológicas que ele nos legou são muito mais que paisagens físicas: são, também, paisagens humanas, aspecto de sua obra mais claro nos textos produzidos a partir da década de 1980.

### REFERÊNCIAS

- AB'SÁBER, A. N. Transcrição de “Sobre a ocorrência de cavidades pedocársticas no sítio da Barragem de Tucuruí – Pará” (1979). In: MODENESI-GAUTIERI, M. C. *et al.* (orgs.). **A obra de Aziz Ab'Sáber**. São Paulo: Beca-BALL edições, 2010, p. 29-45.
- AB'SÁBER, A. N. **O que é ser geógrafo?** Memórias de Aziz Nacib Ab'Sáber. Rio de Janeiro: Record, 2007a.
- AB'SÁBER, A. N. **Geomorfologia do Sítio Urbano de São Paulo**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007b. (Original de 1957.)
- AB'SÁBER, A. N. **Paisagens de exceção: o litoral e o Pantanal Mato-Grossense: patrimônios básicos**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2006.
- AB'SÁBER, A. N. Aziz Ab'Sáber: problemas da Amazônia brasileira. **Estudos Avançados**, São Paulo: USP, n.º. 19, p. 7-35, 2005.
- AB'SÁBER, A. N. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- AB'SÁBER, A. N. **Litoral do Brasil**. São Paulo: Metalivros, 2001.

## Ciência e conhecimento popular na geografia amazônica de Aziz Ab'Saber (Geomorfologia)

- AB'SÁBER, A. N. Paleoclima e paleoecologia da Amazônia. In: AB'SÁBER, A. **Amazônia: do discurso à práxis**. São Paulo: Edusp, [1982] 1996a, p. 49-66.
- AB'SÁBER, A. N. Problemas geomorfológicos da Amazônia brasileira. In: AB'SÁBER, A. N. **Amazônia: do discurso à prática**. São Paulo: EDUSP, [1967] 1996b, p. 31-48.
- AB'SÁBER, A. N. Geomorfologia do Corredor Carajás-São Luís. In: AB'SÁBER, A. N. **Amazônia: do discurso à prática**. São Paulo: EDUSP, [1986] 1996c, p. 67-89.
- AB'SÁBER, A. N. Problemática da Desertificação e da Savanização no Brasil Intertropical. **Geomorfologia**, São Paulo: IGEO-USP, 53, 1977a.
- AB'SÁBER, A. N. Potencialidades paisagísticas brasileiras. In: IBGE. **Recursos Naturais, Meio Ambiente e Poluição: contribuições de um ciclo de debates**. Rio de Janeiro: FIBGE-SUPREN, 1977b, v. 1, p. 19-38.
- AB'SÁBER, A. N. Os domínios morfoclimáticos na América do Sul: primeira aproximação. **Geomorfologia**, São Paulo: IGEO-USP, n.º. 52, 1977c. 22p.
- AB'SÁBER, A. N. A organização natural das paisagens inter e subtropicais brasileiras. In: FERRI, M. G. **III Simpósio sobre o Cerrado**. São Paulo: EDUSP; Edgard Blücher, 1971, p. 1-14. (Anais...)
- AB'SÁBER, A. N. Um conceito de Geomorfologia a serviço das pesquisas sobre o Quaternário. **Geomorfologia**, São Paulo: IGEO-USP, n.º. 18, 1969. 23p.
- AB'SÁBER, A. N. Domínios morfoclimáticos e províncias fitogeográficas do Brasil. **Orientação**, IGEO-USP, n.º. 3, 45-48, 1967.
- AB'SÁBER, A. N. O domínio morfoclimático amazônico. **Geomorfologia**, São Paulo: IGEO-USP, n.º. 1, 1966.
- AB'SÁBER, A. N. O sítio urbano de Porto Alegre. **Boletim Paulista de Geografia**, AGB-SP, n.º. 42, p. 3-30, jul. 1965.
- AB'SÁBER, A. N. Na região de Manaus: fotografias e comentários de Aziz Nacib Ab'Sáber. **Boletim Paulista de Geografia**, AGB-USP, n.º. 14, p. 56-66, jul. 1953a.
- AB'SÁBER, A. N. A cidade de Manaus (primeiros estudos). **Boletim Paulista de Geografia**, AGB-USP, n.º. 15, p. 18-45, out. 1953b.
- BARBOSA, E. J. S. **Unidades de relevo em zona costeira estuarina: municípios de Colares e Santo Antônio do Tauá**. 2007. 96f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2007.
- BENCHIMOL, S. **Amazônia: um pouco-antes e além depois**. Manaus: Ed. Umberto- Calderaro, 1977.
- BERTRAND, G. Paisagem e Geografia Física Global: esboço metodológico. **Caderno de Ciências da Terra**, São Paulo: IGEO-USP, n.º. 13, 1971. 9p.
- CAILLEUX, A.; TRICART, J. Le problème de la classification des faits géomorphologiques. **Annales de Géographie**, Armand Collin, v. 65, n. 359, p.162-186, 1956.
- DANSEREAU, P. **A terra dos homens e a paisagem interior**. Belém: NAEA-UFPA, 1999.
- DARDEL, E. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- FURTADO, Ana Maria Medeiros. Aziz Ab'Sáber e a Amazônia. In: MODENESI-GAUTIERI, M. C. *et al.* (orgs.). **A obra de Aziz Ab'Sáber**. São Paulo: Beca-BALL edições, 2010, p. 102-110.
- GUERRA, A. T. Transportes. In: GUERRA, A. T. (org.). **Geografia do Brasil: Grande Região Norte**. Rio de Janeiro: IBGE, 1959, p. 327-347.
- MEGGERS, B. J. **Amazônia: a ilusão de um paraíso**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1987.
- MOMBEIG, P. O estudo geográfico das cidades. **Cidades**, v. 1, n. 2, p. 277-314, (Original de 1941.)
- MORAES, R. **Na planície amazônica**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1936.
- MOREIRA, E. **Amazônia: o conceito e a paisagem**. Rio de Janeiro: SPVEA, 1960.

**Ciência e conhecimento popular na geografia amazônica de Aziz Ab'Saber  
(Geomorfologia)**

MOREIRA, E. **Os igapós e seu aproveitamento**. Belém: NAEA-UFPA, 1976.

MOURA, P. Relevo da Amazônia. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro: IBGE, n.º. 3, ano 5, p. 323-342, jul.-set. 1943.

MULLER, N. L.C. **Sítios e sitiantes no Estado de São Paulo**. São Paulo: FFLCH-USP, 1954.

SIOLI, H. Studies in Amazon Waters. *In*: LENT, H. (edit.). **Atas do Simpósio sobre a Biota Amazônica**. Belém: MPEG, 1967, v. 3, p. 9-50.

SOARES, L. C. Hidrografia. *In*: GUERRA, A. T. (org.). **Geografia do Brasil: Grande Região Norte**. Rio de Janeiro: IBGE, 1959, v. 1, p. 128-194.

SOARES, L. C. Hidrografia. *In*: IBGE. **Geografia do Brasil: Região Norte**. Rio de Janeiro, 1977, v. 1, p. 95-166.

SOMBROEK, W. C. **Amazon Soils: a Reconnaissance of the Soils of the Brazilian Amazon Region**. Wegeningen, 1966.

TOCANTINS, L. **O rio comanda a vida: uma interpretação da Amazônia**. Rio de Janeiro: Ed. A Noite, 1951.

TRINDADE JR., S. C. **Produção do espaço e uso do solo urbano em Belém**. Belém: NAEA-UFPA, 1997.

Texto recebido em: 09/07/2024  
Texto aprovado em: 23/09/2024